

Leilão converte US\$ 150 milhões

por Yves Léon Winandy
de Belo Horizonte

O quinto leilão de conversão da dívida, realizado ontem, em Belo Horizonte, permitiu ao Brasil cancelar mais US\$ 187 milhões de seus débitos externos. Dezenove corretoras (das 39 inscritas) arremataram todos os US\$ 150 milhões oferecidos, pagando deságios de 27% para a área livre e de 11% para a área incentivada. O maior lote arrematado ficou com o Banco Boavista de Investimentos (US\$ 20,2 milhões), na área livre, após um pregão de quase duas horas de duração.

Iniciado às 15 horas, o leilão para a área livre começou com ofertas totalizando cerca de US\$ 250 milhões, 37,2% dos quais monopolizados pelo Boavista (US\$ 52,7 milhões), que depois caíram para US\$ 20,2 milhões) e pela corretora JPM, do grupo americano Morgan, com US\$ 40,3 milhões, progressivamente transformados em US\$ 18 milhões.

Duas horas e meia depois, a uma temperatura bem superior aos 16 graus registrados na rua, as cerca de 350 pessoas presentes aplaudiram quando o leiloeiro oficial, Rinaldo Simões de Moura e Silva, encerrou a primeira parte

dos trabalhos. Constatava-se, assim, que a iniciativa coordenada pela Bolsa de Valores de Minas, Espírito Santo e Brasília (Bovmesb) estava sendo um sucesso.

"Este leilão credencia Minas para novos pregoés", afirmou, após o término total das operações, Arnim Lore, diretor da área externa do Banco Central. Segundo ele, com os negócios realizados ontem a dívida externa brasileira já foi reduzida, via leilão, em US\$ 895,12 milhões, o que dá uma média de US\$ 179,02 milhões por leilão — menos, portanto, que o compromissado na capital mineira.

O lote arrematado pelo Banco Boavista deverá atender às necessidades de recursos de dois projetos localizados na região Centro-Sul, um na área de turismo e outro na de alimentos, afirmou Roberto Castelo Branco, diretor da empresa, à editora Ana Lúcia Magalhães. Os recursos conseguidos pela JPM na mesma área (livre), por sua vez, deverão ser aplicados integralmente em uma empresa de capital norte-americano que produz instrumentos cirúrgicos.

"Acho que o governo deveria incentivar um pouco mais esse tipo de opera-

ção", comentou Felix Calil, diretor da corretora Bradesco, que ontem realizou seu primeiro negócio via leilão de conversão da dívida: US\$ 4,3 milhões, na área incentivada. "Posso informar apenas que se trata de um único cliente", acrescentou, lacônico, pouco depois de os operadores da corretora se terem confraternizado, comemorando o negócio.

Outra estreante que arrematou um lote foi a corretora HM, do grupo Hermes Macedo, do Paraná. Ela conseguiu US\$ 2 milhões na área livre, que deverão ser utilizados na constituição de uma empresa de participações, de um cliente. A Planibanc, de São Paulo, também conseguiu US\$ 3,3 milhões, para uma empresa instalada em Minas Gerais.

(Ver página 23)

A Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) está analisando catorze propostas distintas de instituições e grupos financeiros internacionais para a conversão de US\$ 50 milhões de dívida brasileira em capital de risco da companhia. Entre os interessados na operação estão bancos europeus e norte-americanos.

(Ver página 14)

GAZETA MERCANTIL